

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

**A ARTE FUNERÁRIA NO
CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA
NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Silvane Barbosa Pereira

**Santa Maria, RS, Brasil
2006**

**A ARTE FUNERÁRIA NO
CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA
NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

por

Silvane Barbosa Pereira

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História do Brasil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em História do Brasil**.

Orientador: Prof^ª Ms Neida Regina Ceccim Morales

Santa Maria, RS, Brasil

2006

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em História do Brasil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**A ARTE FUNERÁRIA NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE
CRUZ ALTA NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

elaborada por
Silvane Barbosa Pereira

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Neida Regina Ceccim Morales, Ms.
(Presidente/Orientador)

Vítor Biasoli, Dr. (UFSM)

Joél Abilio Pinto dos Santos, Ms. (UFSM)
(Co-Orientador)

Beatriz Augusta Mânica Pereira da Cruz, Ms. (UNICRUZ)
(Professora Convidada, Em Homenagem)

Santa Maria, 28 de julho de 2006.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho Gustavo Bruno, motivação maior de toda minha caminhada e companheiro incondicional.

A meus pais e irmãs, pela incansável torcida.

A Maria Madalena da Silva, amiga.

A Prof^a. e Ms Beatriz Augusta Mânica, da Universidade de Cruz Alta, RS, pela minha iniciação nesta investigação.

Aos Profs. Ms em Integração Latino-Americana pela Universidade Federal de Santa Maria Joél Abílio Pinto dos Santos e Neida Regina Morales, Co-Orientador e Orientador, respectivamente, que entenderam os propósitos desta pesquisa e os aprendizados acrescentados.

Ao Prof. Dr. Vitor Biasoli pela dedicação.

A todos os santamarienses que me acolheram em seus lares, amenizando um pouco a saudade de minha família, agradeço a convivência e aprendizados que me acrescentaram.

À Família Paust – Profa. Maria Bernadete Paust.

À Família Michele – Dn. Elvira, Neiva e Paulinho.

À família Bicca – Luiz e Liane.

A Albertina Mangini.

À turma do chimarrão da Floriano alcançando a Rua Dr. Astrogildo de Azevedo, aos momentos de descontração nos últimos raios do sol vespertino, a caminho da Universidade, encontros regado a mate que renderam até CD gravado.

A todos os que de uma forma ou outra fizeram parte desta caminhada e, conseqüentemente, das minhas conquistas.

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em História do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria

A ARTE FUNERÁRIA NO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE CRUZ ALTA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

AUTORA: SILVANE BARBOSA PEREIRA

ORIENTADOR: NEIDA REGINA CECCIM MORALES

Data e Local da Defesa: Santa Maria, XX de maio de 2006.

Através da arte funerária existente no Cemitério Municipal de Cruz Alta busca-se entender o processo de desenvolvimento do Município em seus fenômenos históricos e socioeconômicos, a eles agregando valores culturais significativos no período explicitado, época em que a valorização do fazer artístico no espaço fúnebre ocorreu com maior intensidade do que em outros períodos da história nacional.

Palavras-chave: Paisagem. Cultura. Arte Funerária. Positivismo

Abstract

Though the funerary art that exists in the Municipal Cemetery of Cruz Alta, we intend to understand the process of development in the city, from the historical and socioeconomical phenomena, to them increasing cultural values that were significative in the period designed, a time in which the valorization of the artistical practice in the space occurred with a major intensity from the other periods of the national history.

Key-words: Landscape. Culture. Funerary Art. Positivism.

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Tratamento do Objeto	9
2. Cruz Alta: Seu Cemitério, Valores e Crenças	12
2.1 A Cidade	13
2.2 O Cemitério Público	14
3. O Positivismo:Características Gerais.....	16
3.1 O Positivismo e a Arquitetura no Cemitério Municipal de Cruz Alta	18
4. Cemitério e Arte na Primeira Fase da República (1889-1930)	20
4.1 O Cemitério e a Memória Sócio-Cultural	21
4.2 O A Arte Funerária	24
Considerações Finais	26
Referências Bibliográficas	27
ANEXOS	29

INTRODUÇÃO

O cenário do presente trabalho é o cemitério cruzaltense, lugar que registra parte da trajetória da comunidade local, esse estudo chama a atenção porque faz parte da dinâmica de um processo cultural significativo na preservação da memória urbana. O *lócus*, isto é, a paisagem onde o processo histórico se efetua, traz sucessivas marcas deixadas através do tempo que servem de referencial, não se limitando apenas ao Cemitério local, mas também ao espaço onde o mesmo está imbricado no município de Cruz Alta, Estado do Rio Grande do Sul.

No Cemitério Municipal criado em 1865, na cidade de Cruz Alta encontram-se verdadeiras obras de arte em forma de arquitetura e escultura¹.

Nele, o material utilizado nos túmulos, mausoléus², e nas capelas mais suntuosas, criadas do final do século XIX até meados do século XX, era em grande parte o mármore, vindo da Europa de navio até o porto de Rio Grande. Desta cidade, bem como as esculturas que já vinham prontas, o material era transportado por carroças ou carretas até seu destino. Quanto à expressão artística, analisada através das obras arquitetônicas e escultóricas, o patrimônio artístico do Cemitério Municipal da cidade de Cruz Alta, pode ser considerado um conjunto eclético de elementos plásticos inspirados na tradição greco-romana, românica, gótica, renascentista e neoclássica, estilos esses que se evidenciam através de anjos barrocos, cúpulas com filigranas e alegorias, formando, um conjunto harmonioso e articulado que, com o tempo, foi desagregado, transfigurado, porquanto o trânsito tornou-se outro. A diminuição do poder aquisitivo também tem colaborado para esta transfiguração em uma gama de estéticas reinterpretadas.

No período abordado – primeira fase da República no Brasil - momento em que se observa uma sensível modificação na paisagem do cemitério cruzaltense no que tange à arte, houve uma forte tendência à materialização de construções portentosas no cemitério. Falar do cemitério como um todo incorre em homogeneizar vários espaços bem definidos, construídos a partir de itinerário que o homem vai demarcando sobre a paisagem, seja por critérios socioeconômicos, políticos ou culturais.

¹ Talhe de uma figura ou desenho em material sólido, como: pedra, madeira ou mármore.

² Túmulo imponente erigido em Halicarnaso (Ásia Menor) século IV a C pelo rei Mausolo e sua mulher Artemísia. Termo genérico para designar qualquer grande monumento funerário.

O presente trabalho propõe-se conhecer a arte, bem como os fatores que corroboraram para esta modificação nas construções do período considerado.

No Brasil, nesta mesma época, ocorreram acontecimentos importantes como, por exemplo, a mudança do sistema governamental monárquico para a república, ocasionando o despontar de novos sujeitos políticos e uma ideologia como a positivista que sustentou este momento de afirmação política. A transição de uma tradicional sociedade agrária exportadora para uma incipiente organização industrial, o crescimento urbano e, na seqüência, o inchaço das cidades que reflete-se no mundo dos mortos.

Em Cruz Alta, o primeiro sepultamento no Cemitério Público ocorreu em 20/08/1865. Porém, conforme o registro de uma das Atas da Assembléia Legislativa³ o pedido para que o cemitério público fosse abençoado e, portanto, oficializado só foi feito quase três meses após o referido sepultamento, em 10 de novembro de 1865.

³ Ver Livro de Atas das Sessões da Câmara Municipal desta Villa de Espírito Santo da Cruz Alta (0004 AHM-1859)

1. TRATAMENTO DO OBJETO

Hoje se tem como paisagem o *locus* privilegiado onde o processo histórico se efetua, servindo de base para que os homens construam mediante suas ações a dinamicidade histórica, onde as sucessivas camadas do tempo se acomodam, abarcando uma memória desse *locus*. Apesar dessa conceituação não se pode esquecer da dinâmica em que o homem também está inserido. SCHAMA (1996), diz:

A transformação da paisagem através de uma modelagem implica certas acomodações e assimilações de técnicas no corpo de um ambiente, na sua superfície maleável, alterando-o de maneira a imprimir no mesmo uma grafia: determinadas marcas passíveis de serem lidas como uma escritura da sociedade que ali se instalou.

Landscape, significa paisagem em inglês, segundo SCHAMA (1996) vocábulo introduzido na língua inglesa a partir do século XVIII, toma uma característica com perspectivas românticas, relacionado com o movimento nas artes (literatura e pintura, principalmente), ou seja, se outrora seus vínculos entre ciência e arte eram significativos, a partir daquele século passa a ter um papel fundamental para as atividades artísticas. Paisagem, com o romantismo inglês, passa a se relacionar entre o campo e cidade. Mas, para esse autor, as paisagens são construções sociais, ou ainda, seriam “obras da mente”.

Como enfatiza SILVA (apud CARDOSO, 1987), a paisagem como reflexo e forma aparente de ser percebida da interação do homem com a natureza.

Já SANSOT (1983) Para esse autor a paisagem é o lugar da ação histórica, onde determinados processos culturais se efetivam, é o cenário no qual os atores sociais atuam e interagem: guerras, revoluções, congraçamentos e rituais de todas as ordens.

Afirma BATESON (1986) que “o mapa não é o território”, que ele não coincide com o lugar, pois a representação não acompanha a dinâmica transformadora que configura a própria existência do lugar.

Por sua vez, BACHELARD (1988) assegura que a paisagem têm relações profundas com a imagem, há uma fenomenologia da imagem que é anterior ao pensamento, com a experiência criadora que abarca o próprio ser, pois, é a partir do devaneio que o sujeito adere às imagens, em que o princípio criador e toda a sua dimensão afetual possibilita que o sujeito lide com a matéria, que vibra, que pulsa, que é dinâmica. A paisagem para ele é um fenômeno do ser, porque tem relação com o sujeito que sonha, que representa e percebe, ou ainda, que se permite o repouso, o mergulho para interior das coisas, dos elementos que a constituem e que

abarcam sentidos, que se ligam às sensações do homem que sonha quando se encontra sob o efeito de sua energia, de sua ação, só por isso ele é capaz de organizá-la num todo orgânico que é a própria paisagem, de conceber a idéia que faz dela.

Neste estudo, a paisagem do cemitério e suas mudanças ao longo do tempo denunciam a interação do homem com o seu meio, destacando-se o modo como o homem vai respondendo às suas inquietações sobre a morte. Paisagem é entendida, neste caso, como o espaço construído pelo homem, um espaço que vai immortalizando suas vivências através da organização espacial dos túmulos, da construção dos mesmos e sua requintada elaboração por meio da Arte. Portanto, todo esse fazer reflete as marcas e o espírito de um tempo, permitindo que a sociedade dialogue com seu passado, seus mortos, e os configure no tempo presente. É nesse sentido que o conceito dialoga com a morte e a insere nos seus ritmos sociais.

Para a coleta de dados foram utilizadas pesquisas documentais, bibliográficas e de campo. Quanto à pesquisa documental refere-se a documentos coletados durante o período de 1998, quando foi dado início a mesma, até maio de 2006.

Da análise e do tratamento dos dados surgiram três vertentes, que foram extraídas através de abordagens bibliográficas, documentais, e também das entrevistas. Tendo como base o cemitério municipal, neste contexto, procurou-se identificar as relações existentes entre os dados apontados pelas referidas fontes.

2. CRUZ ALTA: SEU CEMITÉRIO, VALORES E CRENÇAS

2.1 A Cidade

A cidade de Cruz Alta, RS, iniciou-se com um complexo de traços culturais lusoguarani, integrado à cultura missioneira, e mais tarde, miscigenando-se aos tropeiros paulistas e curitibanos, corpos de milícias e outros soldados que para cá vieram, deram origem ao Município. Posteriormente, diferentes fluxos migratórios de negros, alemães, italianos, poloneses, judeus e outras etnias foram responsáveis por uma construção histórico-geográfica, política e cultural que, diferenciadas ao longo do tempo, vieram a contribuir para o processo de desenvolvimento.

É muito difícil identificar a concepção da ideologia sociopolítica de Cruz Alta, pois esta se relaciona ao particular do próprio aparato onde foi constituída, ou seja, a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul. Sua localização geográfica situa-se no meio norte do Rio Grande do Sul, na micro-região número 322.⁴

Quanto à história do Município, conta a tradição que foi o curitibano João José de Barros um dos pioneiros em conseguir sesmarias em Cruz Alta-RS, no ano de 1810. Em 18 de agosto de 1821, foi solicitado pelo comando de fronteira, fixado em São Borja, sesmarias com terras mais apropriadas para a criação de gado bovino, muares, cavalos e demais, assim como um local para construir uma povoação, isto é, uma **Capela**. Entende-se este termo tanto no sentido eclesiástico como no administrativo leigo: pequena povoação com edificação para cultos católicos (divisão administrativa e eclesiástica da **Freguesia**). A concessão foi feita pelo Governo Provincial e, em 1824, essa capela já habitada, mesmo que parcamente, foi elevada a categoria de **Curato**, atendida pelo padre Antônio Pompeo Paes de Campos, embora não residente na Capela. Em 24 de outubro de 1832, pela Lei Provincial, Cruz Alta passou a ser **Freguesia do Divino Espírito Santo da Cruz Alta**. O Pe. Francisco Gonçalves Pacheco foi o primeiro vigário, deu atendimento à paróquia, de 1832 a 1834. Em 11 de março

⁴ Essa micro-região é composta pelos municípios de Cruz Alta, Ibirubá, Júlio de Castilhos, Fortaleza dos Valos, Santa Bárbara do Sul, Santiago, São Francisco de Assis e Tupanciretã. A área do Município é de 2.436 Km², limitando-se ao Norte com Santa Bárbara do Sul e Pejuçara; ao Sul com Júlio de Castilhos e Tupaciretã; a Leste com Ibirubá e Fortaleza dos Valos e Quinze de Novembro; a Oeste com Jóia, Augusto Pestana e Ijuí.

A topografia da cidade apresenta-se suave, sob a forma de coxilhas, com altitude entre 400 e 500 metros e sem acidentes geográficos pronunciados do terreno. Facilitando a formação de aglomerados humanos, uma maior integração social, política e econômica, assim como a da lavoura. (IBGE: 2002)

de 1834 a Freguesia de Cruz Alta foi desmembrada da Vila Nova de São João da Cachoeira. Em 23 de maio de 1834 passou a categoria de **Vila** e, em 6 de Dezembro de 1858, **Cabeça de Comarca**. Finalmente em 12 de abril de 1879 tornou-se **Cidade**.

2.2 O Cemitério Público

"As sociedades projetam nos cemitérios seus valores crenças, estruturas sócio-econômicas e ideologias" (BELLOMO, 2000)

O atual cemitério Público Municipal de Cruz Alta-RS foi fundado em 1865.⁵ O cemitério ocupa um espaço de 35 km², dos 2.436,0 Km² que o município abarca,⁶ contando com 6.000 túmulos e 2.000 gavetas, aproximadamente.⁷

Quanto à proveniência do terreno do cemitério, existem muitas especulações.⁸ Porém, um documento concernente às *Atas das Sessões Legislativas da Câmara Municipal desta Villa de Espírito Santo da Cruz Alta (004HM-10/021859)*, conforme ofício de número 6, datado de 24 de Fevereiro de 1866, que traz artigos e parágrafos a serem observados quanto ao regulamento deste cemitério, no artigo 3 enuncia: *"risque-se de sua proprietária"*. Nesta mesma sessão da Câmara se encontra o parágrafo 1 do artigo 6, que trata da saída do cemitério da orla da igreja para o atual cemitério público observa-se também o que segue: "... toda vez que o Parocho quizer celebrar ou exercer algum acto de seu ministério ou qualquer sacerdote"; acrescenta o artigo 44:

⁵ Um túmulo existente neste cemitério é datado de 1863, nele estando enterrado Saturnino Rôiz Lopes. Tal fato coloca em suspeita a data oficial (1865), mas existe também a possibilidade de que esses restos mortais tenham sido transportados de outro local.

⁶ Conforme censo do IBGE 2002 – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁷ Dados fornecidos pelo funcionário do Cemitério José Henrique Lima da Silva, com base num mapeamento feito em escala de 1/100 em Outubro de 2001, a cargo do Planejamento Técnico e Urbano-SEPLAN, numa parceria entre o Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ – RS e Prefeitura Municipal, conforme relata o atendente Leonardo Ayres. Os dados mesmo sendo feitos em 2001 são atuais como argumenta José Henrique da Silva, pois, observa ele, que de lá para cá poucas construções foram feitas, sendo assim muitos sepultamentos feitos nos túmulos já existentes, aglomerando grandes famílias num mesmo monumento. O mesmo declara que na época foi feito um levantamento em busca de quantos teriam sido sepultados no local, e, diz ele, que o número foi superior ao censo dos "vivos da época".

⁸ Procurou-se dados junto ao Registro de Imóveis da cidade e sua responsável Julieta Bucco, como o atendente Roberto Batista. Recorreu-se a outros órgãos públicos tais como: Arquivo Público Municipal, recebidos pelo atendente Antero Teixeira Nunes; Secretaria de Obras sendo seu responsável Valdir da Rosa; Airton Dias da Silveira, responsável pelo Patrimônio do Município; Setor de Cadastro, responsável Jorge Omar Campos Leal, e outras entrevista para localizar documentos ou servir de fontes primárias, nada foi encontrado mais substancialmente. Em síntese, acabaram sugerindo que os documentos tenham se extraviado, ou até porque o que foi encontrado, por exemplo, no Registro de Imóveis da Cidade, são bens públicos contemporâneos, informações essas colhidas pela autora do trabalho (2004).

...pelo regulamento não fica inibido de celebrar as encomendações e mais actos fúnebres na Igreja da Matriz, nem de ter no Cemitério a ingerência que lhe preserva o direito, o que nem as encomendações e mais actos feitos ali não dispensão nem prejuízo os respectivos Involumentos(sic)

Percebe-se no artigo 3 que a proprietária do terreno do cemitério, não tem seu nome mencionado, questão que merece uma maior pesquisa. Nota-se que há todo um preparo para o novo cemitério, e também se argumenta que a mudança desde a orla da igreja, o que era uma tradição colonial para o novo cemitério, não prejudicaria os involumentos. Tais afirmações nos remete ao que diz BORGES (1997), ao fato de que a igreja até então fazia parte do que chama de “triângulo existencial” das pessoas: o batismo, o casamento e o sepultamento, sugere que nesta época a igreja começa a sofrer seu declínio.

O último sepultamento realizado no Cemitério da Matriz, conforme pesquisa junto à Mitra Diocesana⁹ foi de Domingos Gonçalves de Oliveira, falecido à 18/08/1865. Quanto ao primeiro a ser sepultado no cemitério municipal a mesma fonte registra em 20/08/1865 o seguinte:

...falleceu Benedito Angelo Gonsalves, natural da Província de São Paulo, da idade de settenta anos, mais ou menos(...)Não recebeu sacramentos algum por ter falecido repentinamente, foi sepultado no cemitério desta villa por mim encomendado ...do Ritual Romano.(sic)

O cemitério cruzaltense guarda 140 anos de história da cidade. Foi fundado no mesmo ano que inicia a Guerra do Paraguai (1865-1870), época em que houve “grande mortandade” devido a uma “terrível epidemia da bexiga” na cidade, conforme destaca PRUDÊNCIO (1964). Desde a sua fundação, ele registra as mudanças ocorridas de quando o local era vila até chegar a categoria de cidade (1879). O *lócus* traz mais de um século de história registradas em suas “páginas-túmulo”, jazigos e gavetas que esculpem essa história, alternando suntuosidade e simplicidade; tempos áureos, quando construía-se túmulos perpétuos, e a decadência, numa dicotomia de construções diferentes que montam um conjunto antagônico, onde escultura e monumento são artefatos culturais que testemunham diferentes tempos, conforme colabora nesta perspectiva FREIRE (1997):

8 Microfilmagens do registro de óbitos, filme 16 de 1855-1883

os monumentos são criações marcadas social e historicamente, testemunham, porém melhor a época de sua execução do que o período que pretendem evocar. A utilização de materiais, os estilos de execução privilegiados são indícios do espírito do tempo.

O cemitério nos mostra, através de diferentes espaços, um reflexo da sociedade que foi sendo construída ao longo do tempo. Entre eles, citamos o túmulo de *Armando Cruz*: tido como milagreiro; a *Cruz Mestre* onde está sepultado Antônio Pinto, visualmente assinalada por uma longa escada enegrecida de velas, resultado de preces e muitas visitas, já que esse é o lugar onde pessoas rezam por seus entes queridos sepultados em outras localidades, pois o espaço ali reservado é de intermediação. Além disso, existe o Cemitério dos Judeus, fundado em 1922; está limítrofe ao cemitério público, porém separado por muros o que marca uma separação entre cristãos e judeus. Um outro túmulo, é o do Dr Cândido Machado (1914) fundador da Maçonaria (02/08/1895) na cidade, que a exemplo de outros traz o símbolo desta sociedade secreta, é decorado com o olho de hórus. Como bem diz GEERTZ (1989), os homens constroem representações cognitivas verdadeiros mapas mentais que orientam suas ações.

Outro espaço bem definido é o das carneiras que aparecem em 1950. Tais espaços nos proporcionam pensar sobre a derrocada econômica, e no que diz BELLOMO (2000): “... a morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais ...”

Nessa percepção é incontestável a colaboração do cemitério local para o resgate de múltiplos aspectos históricos pertinentes à cidade de Cruz Alta.

3. O POSITIVISMO: CARACTERÍSTICAS GERAIS

Do ponto de vista científico o positivismo pode ser considerado sob dois aspectos distintos: como método e como sistema. Como método assinala a investigação científica e filosófica; como sistema compreende um conjunto de afirmações acerca do objeto da ciência¹⁰. É fácil ver a diversidade destes aspectos, mas também se observará que devem ser íntimas suas relações e influências mútuas, pois na realidade são bem mais do que um princípio e seguem as exigências lógicas e científicas.

Para Augusto Comte, fundador do positivismo, este é inseparável de relativo, de orgânico, de preciso, de certo, de real. A filosofia positiva se contenta com as realidades apreciáveis pelo nosso organismo, por isso é real. Elimina toda a inquisição sobre o absoluto, por isso é relativo. Inclina o espírito ao útil, garantindo condições de poder aproveitar o curso dos acontecimentos. Por isso, como Comte sempre repetiu, o positivismo não é outra coisa que “o sentido comum generalizado e sistematizado”. O Positivismo estabelece três fases pelas quais passaria o desenvolvimento humano, nesta ordem a saber: o teológico, o metafísico e o positivo.

À Fase Teológica ele confere o estágio do ser humano como sendo de entender o cosmos a partir dos fenômenos da natureza, com explicações calcadas no sobrenatural; à fase Metafísica ele atribui o momento que o homem passa a interpretar o cosmos com conceitos abstratos criando idéias e princípios; enfim, a fase Positiva é quando o homem entende, segundo a doutrina, que os fenômenos seguem uma lógica, chegando assim à experimentação pelos métodos. BELLOMO (2000) assim complementa a estética Positivista: “Ao estado teológico correspondem a arquitetura, a escultura e a pintura; ao estado metafísico, as artes morais; ao estado positivo a poesia e a prosa”.. O mesmo autor destaca que esta classificação teria aparecido em primeira instância na obra do escritor positivista Vicente Licínio Cardoso, autor de *Filosofia da Arte*, lançada em 1918.

Como se vê, o Positivismo é, sobretudo, uma atitude frente ao problema do conhecimento e da expressão mais clara do espírito científico do século XIX. A realidade empírica se converte no verdadeiro e único objeto do conhecimento, o qual se supõe uma renúncia a qualquer proposta valorativa. Trata-se de explicar, com a aplicação do método científico, a totalidade dos fenômenos, sejam de ordem material ou espiritual. Aquilo que não

pode submeter-se as premissas e condições dessa concepção da ciência, carecem de valor. Tudo que se encontra mais além do regido pela relação causa-efeito pertence à fantasia.

Para CARVALHO (2003), o Positivismo teve uma importância na afirmação do regime republicano e assim se expressa:

... constituíram, sem dúvida, o grupo mais ativo, mais beligerante, no que diz respeito à tentativa de tornar a República um regime não só aceito como também amado pela população. Suas armas foram a palavra escrita e os símbolos cívicos.

O Positivismo foi a ideologia³ que sustentou o discurso neste momento de transição de regime. Segundo a doutrina comtista o Brasil teria passado pelas as três fases previstas: a teológica, a metafísica e, enfim, chegando a fase positiva com a República, alcançando o mais alto nível de evolução e, por conseguinte, trazendo também uma nova religião, a Religião da Humanidade¹¹, com seus santos padroeiros esses que RIBEIRO (1986) afirma serem os sábios do passado, heróis ilustres merecedores de recordação cujo exemplo são sempre exaltados, bem como a veneração de suas almas, e explicando melhor sobre o que seria a Humanidade explica: que se compõe de mortos que adquiriram de alguma forma vida subjetiva, dos vivos que se esforçam por adquirir e dos não-nascidos que se supõe que devam adquirir, e complementa quando diz que tal ideologia apresenta a humanidade como capaz de satisfazer a necessidade do homem de um Deus, e seu desejo de imortalidade

No que concerne a presente pesquisa é importante pensar a arte como uma forma de linguagem servindo ao Positivismo, neste período, pois BELLOMO (2000) ao refletir a *estética positivista*, observa que essa arte teve o objetivo de aprimorar alguns aspectos dos indivíduos exaltando a coragem, prudência e firmeza e acrescenta que a arte teve significativa importância em conferir imortalidades a líderes da comunidade, fato que mais adiante poderemos apreciar no que se refere ao Cemitério de Cruz Alta.

Mais que uma doutrina o Positivismo se propunha, como bem sugere CARVALHO (1990) no nome do livro *A Formação das Almas*, ter o um alcance de conseguir fundir o cívico com o religioso sendo *os santos desta religião os grandes homens da humanidade. Os*

¹⁰ Ver RIBEIRO (1994)

³ Ideologia aqui conforme expressa OLIVEIRA, Lucia. *A Questão Nacional na Primeira República*. Brasiliense, São Paulo, 1990 p.16. A mesma vê ideologia como um conceito capaz de entender as representações políticas de um grupo ou de uma sociedade

¹¹ Segundo RIBEIRO (1986) que trata de quando Comte apresenta a Religião da Humanidade e contemporaneiza a morte de Clotilde de Vaux, que foi sua musa inspiradora e ao morrer (1847) Comte declara com ela ter apreendido a importância social dos sentimentos sobre a teoria e a prática, tomando uma postura “messiânica” de contribuir para a regeneração da humanidade, esta religião estabelece nove sacramentos (apresentação, iniciação, admissão, destinação, casamento, maturidade, retiro transfiguração e incorporação),.

rituais eram festas cívicas, a teologia era sua filosofia e sua política, os novos sacerdotes eram os positivistas. Cruz Alta não teve um templo positivista, mas nem por isso ficou isenta da influência desse ideário.¹² Esse expansionismo positivista ocasionou transformações estéticas reproduzidas no cemitério de Cruz Alta, como nos lembra SILVEIRA (apud BELOMO, 2000): “Havia ainda um processo paulatino de mudança no campo do pensamento intelectual brasileiro, que se desenvolvia a partir da segunda metade do século XIX, em que as idéias positivistas se expandiam, sobretudo, no Rio Grande do Sul.”

3.1 O Positivismo e a Arquitetura no Cemitério Municipal de Cruz Alta

O positivismo republicano implicou em fatos que transformaram as várias matrizes de pensamento, refletidas em produções artesanais e na arquitetura do Rio Grande do Sul.

No final do século XIX e início do século XX, a maioria dos prédios foi construída com uma forte tendência neoclássica, e tal tendência foi mais forte ainda, junto à elite econômica e política adepta da filosofia positivista de Augusto Comte. As inúmeras alegorias existentes nos prédios públicos, principalmente em suas fachadas, com o intuito de “educar o povo”, são de base positivista. Assim, na construção do imaginário republicano, predominou o paradigma da “ordem e do progresso”, do culto da humanidade e do enaltecimento dos nobres valores e do herói, inspirado em Comte. Observa BELLOMO (2000) que especificamente o século XIX trouxe a idéia de progresso, a crença na razão, na ciência e na explicação materialista das coisas, havendo, portanto toda uma ideologia que prega o triunfo da vida sobre a morte, o homem aspirando à imortalidade, e a arte, por excelência, exprimindo este triunfo.

Por conseguinte, os cemitérios, sofreram também uma sutil contribuição, quanto à sua arquitetura e suas esculturas, seus escritos nas lápides de túmulos e mausoléus . Ao longo das alamedas do Cemitério Municipal de Cruz Alta facilmente são encontrados túmulos com as características citadas. Entre os vários túmulos, salientou-se, o de Sezefredo de Moraes Silveira (ANEXO 1).

Desta forma, estes lugares servem, também, como fontes históricas, e estudos alternativos. Em sua lápide está enunciado o seguinte texto: “Nasceu a 24 de Novembro de 1855 e faleceu em combate no dia 26 de Agosto de 1894. Defendendo sua terra, suas idéias.

¹² Funcionam no Brasil três templos, sendo um no Rio de Janeiro, cidade que ostenta o título de capital mundial do positivismo, outro em Curitiba e outro em Porto Alegre este construído em 1912 e enfatiza como lema “o

Esposo amantíssimo, filho, irmão e amigo exemplar. Sua esposa inconsolável lhe tributa esta homenagem”. Nele há uma valorização do indivíduo heróico, inserido no coletivo por servir à Pátria; um culto não mais direcionado a Deus, como no estado teológico, observação corroborada por BELLOMO (2000) quando comenta a estética positivista: “o indivíduo só existe no coletivo e, portanto, o artista deve conferir aos líderes da comunidade a imortalidade da arte.”

Nesse contexto, VOVELLE (1997), afirma que “[...] o século XIX assistiu à preparação de toda uma rede ou de toda uma constelação de ritos e gestos referentes à morte que foi organizada em torno de dois fulcros maiores: a família e a Pátria, ou Estado [...]”. Como o catolicismo reservou sua Virgem Maria, seus santos padroeiros, voltados a um Ser superior e transcendente, a Religião da Humanidade, conforme RIBEIRO (1994): “[...]reservou um lugar à suprema, para a mulher, para a intercessora privilegiada entre os homens e a humanidade divinizada: Clotilde des Vaux, a virgem mãe [...]”, que não era virgem, nem mãe, como o próprio autor coloca, mas passa a ser uma figura na Religião, uma padroeira. No caso do cemitério local não se percebe tal culto a virgem, porém há predominância da figura feminina, nas alegorias.

O pensamento positivista valorizou a arborização dos logradouros públicos, apoiando-se em razões tais como: a melhoria da qualidade do ar e o embelezamento das cidades que tornariam o homem mais sadio e apto ao trabalho e seu espírito mais empreendedor. As vias entre os túmulos do cemitério cruzaltense, apesar de serem estreitas e não comportarem o plantio de árvores, estão floridas, e a alameda principal é ornada por uma espécie de coníferas.

4. CEMITÉRIO E ARTE NA PRIMEIRA FASE DA REPÚBLICA (1889-1930)

4.1 O Cemitério e a Memória Sócio-Cultural

O espaço cemiterial é também um espaço político, pois traz as projeções múltiplas da sociedade em que está inserida, reproduz a geografia urbana da sua cidade com suas fronteiras sociais móveis construídas a partir de itinerários que o homem percorre ao longo do tempo. O cemitério carrega a memória social de uma determinada época. A arte é um artefato¹³ típico de um tempo e de um certo espaço social. Tais características permitem pensar no cemitério como fonte figurativa¹⁴ e na importância deste tipo de fonte no resgate da história de uma comunidade o que nos leva a refletir a partir da narrativa que esse lócus constrói ao longo do tempo em seu bojo através das construções carregadas de símbolos e alegorias¹⁵, são monumentos que “falam” de um tempo de uma sociedade, através dos diferentes estilos e representações encenam vivências provocando inquietude e curiosidade nos transeuntes que visitam o local.

No caso do cemitério de Cruz Alta, não se pode falar de uma tendência predominante quanto à arte, pois se percebe um conjunto bem eclético. É evidente a preferência pela arte neoclássica, instigando a presente investigação a entender os fatores que corroboram para as portentosas construções do período.

Muitos seriam os fatores que poderiam ser elencados que teriam colaborado para tal ascensão das artes naquele momento, naquele cemitério. Melhor, então, falar-se de uma conjunção de fatores: em nível político, os republicanos chegando ao poder, a burguesia comercial que começa ganhar seu espaço comercialmente e quer se ver representada; no plano

¹³ Ver FUNARI, P. Arqueologia. Ática, São Paulo 1998-p. 78. Conceitua artefato como todo produto do trabalho humano, neste caso se relaciona ao que ele chama de monumentos ou artefatos fixos

¹⁴ SANTOS (2004). Para este autor as fontes figurativas, são constituídas de documentos iconográficos, públicos ou privados, essas fontes permitem trabalhar uma representação da sociedade por meio de cena da vida cotidiana, por exemplo, através do modelo arquitetônico entre outros, os monumentos são capazes de nos dar a idéia da sociedade que os criou.

¹⁵ Conforme DOBERSTEIN (1992) há algumas diferenças no que tange símbolo e alegoria, sendo a alegoria regido pelo princípio de identificação suficiente qual seja, é um símbolo reduzido à predominância de uma só de suas possibilidades analógicas. A função primordial dos adereços é facilitar o reconhecimento da figura. Destina-se mais a uma compreensão mais objetiva quase elementar do que uma tradução subjetiva, de outro sentido, mais geral e profundo. Enquanto o símbolo permite estabelecer analogia com mais de uma coisa com diversas possibilidades de interpretação. A figura e os adereços admitem múltiplos significados, ficando assim no plano das emoções.

ideológico, o positivismo e sua preocupação em glorificar e ter líderes locais e no plano cultural uma sociedade que começava a construir uma nação uma identidade própria, outro fator preponderante é que, a partir do século XIX, escultores chegam ao RS, como também surgem as primeiras casas de fundição que vão produzir ornamentos para os túmulos.

O período da primeira República apresenta, no cemitério, um verdadeiro marco em nível de arte, onde percebe-se a preferência pelo estilo neoclássico, o qual surgiu em 1750 na cidade de Roma, através de Winckelmann e Mengs¹⁶, que pregavam o retorno à arte clássica greco-romana Assim define MIRABENT (1991) que “o neoclassismo substitui a imagem do esqueleto, que até aquele momento representava a morte, pela de um anjo cheio de beleza”

Enfatiza BELLOMO (2000) que a estética neoclássica teria chegado ao Brasil juntamente com a Missão Francesa, patrocinada por Dom João VI, em 1816, através dos professores o ensino da arquitetura, escultura e pintura dentro dos modelos clássicos, na Escola de Belas Artes. Segundo esse autor a escultura neoclássica funerária convivera, pelo menos durante o século XIX e início do século XX com a escultura de concepção romântica¹⁷, e dessa mistura suscitam em anjos da saudade, com formas clássicas, com meditação serena e fé. O Romantismo também teve sua influência na arte funerária com sua característica de buscar heróis, do grande homem como símbolo do querer coletivo.

4.2 A Arte Funerária

A arte funerária remonta do período pré-histórico com os menires alcançando a dezenas de metros de extensão em pedras verticais postas em fila. Já os dólmenes apresentam um túmulo composto por duas pedras verticais e uma horizontal posta em cima, e os cromelcs mostrando círculos de pedras, que assinalam enterramentos.

Cada sociedade ao longo da história deixou registrado, seja em construções portentosas ou não, sua preocupação com a preservação da memória dos seus entes queridos.

A sociedade contemporânea através da arte registra também em seus cemitérios esta preocupação, mais precisamente situando no foco desta pesquisa – o período da primeira

¹⁶ Segundo BELLOMO (2000), esta corrente tinha alguns entre seus objetivos : desenvolver uma arte com função ética educadora e a arte expressando o lógico, a verdade, o universal.

¹⁷ Conforme FERREIRA (2003) o Romatismo iniciou em 1774 na Alemanha e Inglaterra, com os escritores Johan Wolfgang Goethe e Lord Byron, sendo em 1830 uma tendência predominante em quase todos os países ocidentais, no caso do Brasil o romatismo teria sido introduzido sob o impacto da abdicação de Dom Pedro I que influenciaria a mentalidade e o cotidiano da cultura brasileira desse período onde procurou-se produzir, pelo

República no Brasil observa-se o que sugere BORGES (apud Estudos Ibero-Americanos, 1997)

A sociedade vigente repropôs, em miniatura, os tipos arquitetônicos da cidade ideal, construída de castelos, catedrais, templos e palácios suntuosos construídos com materiais perenes, como o mármore de Carrara a ponto de ressurgirem verdadeiras obras de arte.

Poder-se-ia dizer, nesta concepção, que as diferentes construções: jazigos, túmulos, estelas funerárias são receptáculos de memórias e muito podem colaborar no resgate da história desta sociedade que a produziu. CATROGA (1999) desta forma se expressa: “O cemitério se revela como um espaço, cenário de memórias construídas e também memórias vividas.” Num outro olhar pensemos em nível das “máscaras” que a sociedade cria a partir de suas concepções sobre a morte, que sempre foi motivo de inquietude, produzindo atitudes coletivas e respostas de acordo com seu meio social.

BELLOMO (2000) refletindo sobre a arte funerária no Brasil, salienta que com a chegada da família real começaram a aparecer túmulos significativos e com a proibição de sepultamentos em igrejas após a independência é que surgem túmulos cada vez mais grandiosos; observa ainda que desponta com a burguesia nascente como forma de reafirmar seu *status* construindo túmulos monumentais e artísticos. Enfatiza que enquanto os cemitérios eram na orla da igreja havia um certo nivelamento, isto é, os túmulos eram muito semelhantes, tendo uma inscrição, uma lápide para destacar a origem nobre da família do morto. No caso de Cruz Alta, nos cemitérios na extensão da igreja, foram encontrados registros onde só faz referência ao nome do sepultado e a seguinte distinção: lençól branco ou preto, quanto os critérios da escolha da cor, até o presente momento não foi encontrado fonte que mencione ou explique essa situação¹⁸.

Para DOBERSTEIN (1992), ao descrever Porto Alegre (1910-1914), chama o período de “Quadriênio Glorioso”, tecendo as primeiras considerações ao “*boom escultórico*” que percebe num projeto de transformação da fisionomia da cidade, uma preocupação do período segundo o mesmo, sugere a iniciativa quanto às construções terem partido da elite dirigente e da burguesia triunfante e dado ao desenvolvimento do transporte integrando a capital ao interior pelos caminhos de ferro. Definindo esse último fator como preponderante ao surto escultórico e arquitetônico do período assim se expressa o autor:

menos na literatura trabalhos genuinamente brasileiros. O Romantismo trazia fortes traços de individualismo e sentimentalismo.

¹⁸ Ver microfilmagem que se encontra na secretaria da Igreja Católica de Cruz Alta, filme 16 de 1855-1883

Propomos que se veja na integração da capital ao interior, através dos meios de transportes, particularmente das estradas de ferro, o mais decisivo fator para o surto arquitetônico e esultórico das primeiras décadas do século XX, e em especial ao quadriênio de 1910-1914.

Segundo ele predomina a prosperidade quando “*refinam-se os gostos*, valorizam-se as atividades artísticas para a burguesia financeira e comercial e o Positivismo, por sua vez como ideologia predominante entendendo que o capital devia cumprir uma função social e, ainda, que a arte deve servir para *educar o povo*.”

Quando DOBERSTEIN (1992) busca explicações a tal “surto imobiliário”, ocorrido em Porto Alegre nas duas primeiras décadas do século XX, salienta pensar na entrave do período anterior no que tange aos meios de transportes, sugerindo que a expansão dos mesmos tenha dinamizado as trocas de matérias primas e intensificando o aumento populacional urbano pela possibilidade de integração que passa a existir entre as três regiões do Estado (Campanha, Planalto e Colônia).

Em Cruz Alta a 20 de novembro de 1894 inaugura-se a primeira linha férrea¹⁹: Cruz Alta –Santa Maria, que foi sucedida pelo trecho com Pinheiro Machado em 1897 (maio) e Carazinho (novembro). Explorava este serviço a Compagnie du Oeste Brésilien, que o transferiu em 1905 para a Compagnie Auxiliare e assim os trilhos vão abrindo caminhos e aos poucos substituindo as vagarosas carretas, seja no escoamento da matéria-prima, na produção ou no transporte de passageiros.

Ainda segundo DOBERSTEIN, a produção da estatuária no contexto em questão tinha uma motivação propagandista que era comum entre os positivistas e os homens de negócio: aos primeiros interessava a utilização das esculturas com finalidade doutrinária; aos segundos convinha exibir as obras de arte como sinal de riqueza, cultura e integração social.

Das diferentes expressões do período (1890-1930), destaca-se no cemitério cruzaltense, algumas tendências predominantes, com a alegoria: a maioria das esculturas trazem alegorias femininas com demonstrações de fé, desolação, esperança e morte (o archote direcionando o chão). Quanto aos adornos observa-se o predomínio de símbolos cristãos tais como: anjos, cruzes, ampulhetas, coroa de flores, palmas, tochas, que mesmo com a secularização dos cemitérios foram mantidos .

¹⁹ Ver: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros de 31 de Janeiro de 1959 (IBGE)

A escultura se apresenta ou em forma de relevo ou estátua tridimensional. As estátuas alegóricas de anjos que se aproximam de feições humanas²⁰ em tamanho natural são freqüentes no cemitério de Cruz Alta e o material, por excelência, é o mármore branco. Apresentando diferentes expressões, parecendo estarem expostas em uma galeria de arte, estas alegorias portam apelo cristão e sentimental, expressando a desolação, a tristeza, a fé e a esperança, como figuras humanas carregadas de símbolos. A exemplo, um anjo com traços femininos aparece no túmulo da família Carlomagno (ANEXO 2). Com essa figura, aparece o ramo da palma, símbolo cristão que remete paz, crença na ressurreição e vida eterna, numa reinterpretação do significado romano, para quem é símbolo de vitória; num outro olhar quanto ao vestuário que esta escultura traz, percebe-se o que trata BELLOMO (2000) quanto ao neoclássico: as vestes valorizando os movimentos formando pregas livres.

No túmulo de Pedro Thomaz de Moura e Silva, falecido em 1912, (ANEXO 3) a escultura feminina carrega um archote direcionando o chão, o qual representa a alegoria da morte. No túmulo de Belizário Amado (ANEXO 4), não há menção à data; apresenta um estilo eclético, o mármore é o destaque, tanto como elemento artístico como elemento de ratificação de poder econômico. Nele percebe-se a preponderância de linhas retas e a utilização de recurso decorativo típico do renascimento italiano que é a alternância de dois tipos de mármore de cores diferentes.

Outros túmulos são do tipo mausoléu, túmulos-monumentos, dignos até de cerimônia para sua entrega com a presença de autoridades locais. Na sua grande maioria procederam da Itália e são feitos em mármore de Carrara. Outras construções, com tendências greco-romanas, como é o caso do primeiro túmulo encontrado à direita de quem entra pelo portão do cemitério cruzaltense, pertencente à Família Veríssimo, datado de MCMIX (1909), apresentando colunas²¹ coríntias no primeiro pavimento e colunas jônicas no segundo pavimento, na parte superior, aproximando da cúpula, anjos barroco (ANEXO 5).

Outro túmulo que merece destaque é do Barão de São Jacob (ANEXO 6), falecido em 1892; traz a marca do império no seu túmulo, ou seja, a coroa na parte mediana da coluna de mármore. O Barão teve sua participação na guerra do Paraguai reunindo um grupo de voluntários, fato que explica a distinção descrita.

²⁰ BELLOMO (2000) diz que as alegorias funerárias vão aparecendo à medida que os anjos vão se humanizando, ganhando aparência terrena e perdendo as características celestiais e finalmente, os anjos quase desaparecem e passam a predominar as alegorias.

²¹ É um suporte arquitetônico vertical aproximadamente cilíndrico, geralmente de três partes: base, capitel (elemento superior da coluna ou pilastra, acima do fuste e imediatamente abaixo da arquitrave) e fuste (parte essencial ou tronco da coluna, entre a base e o capitel). Quando está encostada a uma parede, diz-se adossada, se está metida no muro é embebida.

Interessante, embora a data de falecimento antecipe os traços estéticos do período estudado, é o túmulo de Manuel Lucas Annes, que foi o primeiro prefeito e presidente da Câmara Municipal em 1845. Falecido em 1880 (ANEXO4), tem jazigo perpétuo de inscrição municipal 157. Seu túmulo merece destaque no que concerne a representação simbólica de um busto todo em mármore lá no alto, apresentando um homem e se impõe pela altura dentre os demais. Seu busto remete-nos aos tempos romanos quanto ao culto que esses faziam aos seus antepassados tendo no interior de suas casas bustos de seus entes queridos. Dentro da lógica do positivismo reinterpretado através da suntuosidade garantida pelo alto pedestal²², representativo de seu lugar social, do desejo de glorificar os líderes e da necessidade de idealizá-los, na memória da população.

O túmulo de Jeremias Ferreira Amado falecido em 1910 traz a palma da vitória de um lado e a flor murcha retratando a alegoria da morte (ANEXO 8). Já o túmulo de Caetano Pereira da Motta (1892) traz uma estela²³ de mármore três ampulhetas no centro com asas uma em cada ponta, sugerindo a idéia que o tempo voa. O túmulo de José Antunes Ribas apresenta estética renascentista pela presença da colunata do frontão, que expressa a reprodução das casas, a preocupação com a privacidade, pois o acesso ao morto depende de ultrapassar a porta, da qual só a família tem a chave.

O Jazigo da Família Toríbio Veríssimo, com uma única identificação de perpétuo 139 (ANEXO 9), não apresenta nem data, tem um estilo gótico. Este lugar é muito visitado por motivo de crenças populares. Adentrando percebe-se inúmeros pedidos que denotam ser de jovens do tipo *se eu passar de ano...: faz-se promessas e essas graças, dizem, são alcançadas.*

Quanto à procedência dos artistas que executaram os túmulos mais destacados de Cruz Alta, encontrou-se dois registros, as duas firmas que serão mencionadas a seguir se instalaram em Porto Alegre. O primeiro fala da Casa Aloys de Porto Alegre, aquela que em 1906 integrou a primeira greve geral na capital, pedindo melhores condições de trabalho como, por exemplo, a jornada de trabalho. Conforme visto no túmulo de Therezio Amado, falecido em 1912, aquele estabelecimento comercial, fundado em 1884 por Miguel Friederichs, alemão vindo da cidade de Merl, dedicou-se à execução de trabalhos em mármore e granito bem como esculturas em bronze, pedra-grés e mármore. Outro, foi a empresa Lonardi, Teixeira e Cia, conforme registra o Jornal de Cruz Alta, *Folha da Serra*, de outubro de 1939, onde publica a entrega de um mausoléu a família João Batista de Brum, tendo havido uma cerimônia com autoridades locais para efetuar a entrega. Esta firma fôra fundada em 1928,

²² Pedestal é uma espécie de suporte arquitetural de uma estátua

²³ Laje de pedra ou pilar erguido verticalmente

pelo escultor italiano Lonardi, que se dedicou especialmente aos bustos e monumentos funerários, o artista nasceu em Verona, Itália, em 1886; chegou no Brasil em 1928 e foi responsável pelo monumento aos mortos da Primeira Guerra Mundial na Itália, o que lhe conferiu prêmio de reconhecimento.

Quanto a estatuária fúnebre da sociedade cruzaltense da época estudada foram encontrados somente registros de duas firmas sendo a primeira: a firma Lonardi Teixeira e Cia, conforme visto no Jornal citado acima, e o outro está numa placa, encontrado num túmulo (Therezio Amado).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, que intuita servir de prólogo para outros, o qual se teve como questão norteadora entender os fatores que influenciaram a arte funerária constatada no cemitério de Cruz Alta. Este espaço, visto como uma galeria de arte a céu aberto evidencia, ao observador mais atento, uma intensa produção artística elaborada no período da Primeira Fase da República brasileira. A verificação do exacerbado destaque dado à arquitetura e à escultura cemiterial neste período nos induz a buscar motivações de tal atividade.

Dentre as muitas causas que poderiam ser elencadas, seja no que tange o sistema econômico, o cultural ou político, preferiu-se falar de uma conjunção de fatores que colaboraram mutuamente: a secularização dos cemitérios, os caminhos de ferro que começam a integrar o Rio Grande do Sul ao sistema nacional facilitando assim as trocas, os escultores que vieram para o estado nesta época, a metalurgia que passou a fazer os ornamentos para os túmulos, o Positivismo que trazia consigo os dogmas de *progresso* e a idéia de refazer a fisionomia da cidade construindo prédios públicos suntuosos, o que sutilmente acabará refletindo nas construções tumulares como também a idéia que trazia de *eleger líderes* locais nas cidades que ganharão seus bustos aos “grandes homens”, tidos como herói, assim o cemitério como a cidade terá os seus.

São alguns fatores que diretamente ou indiretamente esculpíram a arte, a memória de um tempo e de uma sociedade, a imagem como “testemunha ocular”, que BURKE (2004) sugere como capaz de registrar atos assim como os textos, neste caso, as construções são escritas passíveis de serem lidas, pois nelas plasmam-se crenças, valores, diferentes manifestações, experiências e inquietudes de uma sociedade .

Trabalhar a arte é um campo fértil e pouco explorado por nós educadores, como também um desafio dado ao ensino que nos fez por muito tempo acreditar no que somente está escrito, induzindo assim a encontrar verdades absolutas.

A Arte é um artefato de um tempo e espaço, capaz de reproduzir a memória de uma determinada sociedade, arte é uma forma de linguagem, e os diferentes estilos são (re) interpretações de atitudes coletivas respondendo as inquietudes de cada tempo, .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. A. **A Poética do Espaço**. São Paulo : Martins Fontes, 1998.
- BATESON, G. Os Homens são como Plantas. A Metáfora e o Universo do Processo Mental. In: THOMPSON, W. I. **Uma Teoria do Conhecimento**. São Paulo : Gaia, 1990.
- BELLOMO, H. (org.) **Cemitérios do Rio Grande do Sul. Arte-Sociedade e Ideologia**. Porto Alegre : EDIPUC-RS, 2000.
- _____ SILVEIRA, T. A Escultura Funerária no Rio Grande do Sul: Política e Ideologia 1900-1950
- BORGES, M. E. Arte Funerária: Apropriação do Pietá pelos marmoristas e escultores contemporâneos. In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS V. XXIII, P. 15-28, dezembro 1997.
- BURKE, P.. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Bauru: São Paulo:EDUSC, 2004
- CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. XXXX In: **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro : Campus, 1997.
- CARVALHO, J..M. **A Formação das Almas o Imaginário da República do Brasil**. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.
- CATROGA, F. **O Céu da Memória: Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal – 1756-1911**. Coimbra : Minerva, 1999.
- DOBERSTEIN, A. **Porto Alegre, 1900-1920:estatuária e ideologia**. Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura, 1992
- FREIRE, C.. **Além dos Mapas: os Monumentos no Imaginário Urbano Contemporâneo**. Anne Blume. São Paulo: , 1997.
- FUNARI, P. **Arqueologia**. São Paulo : Ática, 1998.
- GERTZ, C.. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1989.
- HUNT, L. **A Nova História Cultural**. São Paulo : Martins Fontes, 1995.
- MIRABENT, I. **Saber Ver a Arte Neoclássica**. São Paulo : Martins Fontes, 1991.
- OLIVEIRA, L. **A Questão Nacional na Primeira República**. São Paulo : Brasiliense, 1990.
- RIBEIRO, J. **O que é o Positivismo**. São Paulo : Brasiliense, 1994.
- ROCHA, P. **A História de Cruz Alta**. Cruz Alta : Tipografia Liderança de A. Dal Forno, 1964.
- SANSOT, P. **Variations Paysagères**. Paris : Klincksiek, 1983.

SANTOS, J. A. Fundamentos de arquivologia: para uma escrita da história. UFSM. Santa Maria, 2004

SCHAMA, S. **Paisagem e Memória**. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

VOVELLE, M.. **Imagem e Imaginário da História: Fantasmas e Certezas na Mentalidade desde a Idade Média até o Século XIX**. São Paulo : X, 1999.

Fontes Primárias de Cruz Alta-RS:

Cartório de Registro de Imóveis.

Cemitério Público Municipal

Igreja Católica: Mitra Diocesana (registros de óbitos, filme 16 de 1855-1883)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) censo e ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, organizada por Jurandir Pires Ferreira de 31 de Janeiro de 1959

Jornal folha da serra de 31 de outubro de 1939.

Prefeitura :Arquivo Público Municipal. (Atas das Sessões da Câmara Municipal desta Villa de Espírito Santo da Cruz Alta- 004AHM-1859)

Outros

Outros

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Pelotas, orientador : Professor Ms. Mario Osório Magalhães

Fernanda Brauner Ferreira

ANEXOS



ANEXO 1: Lápide de Sezefredo de Moraes Silveira



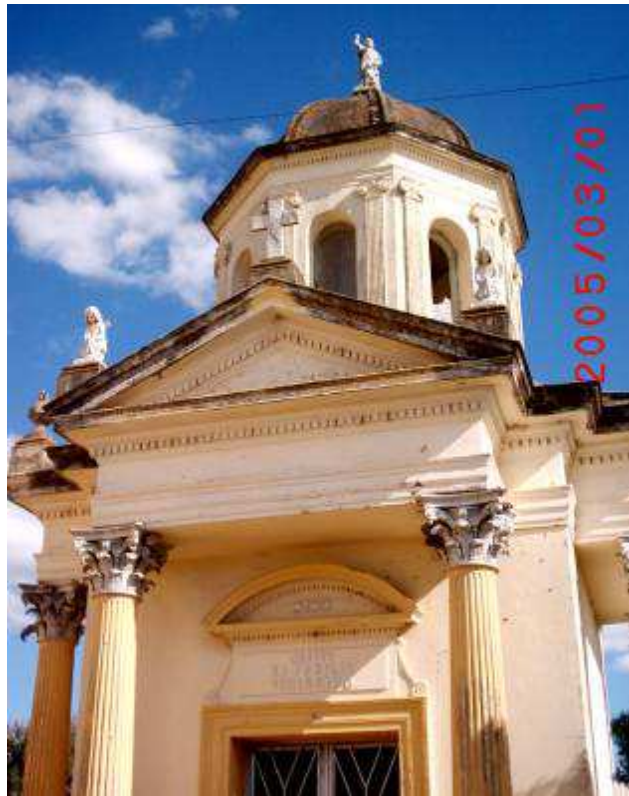
ANEXO 2: Jazigo Perpétuo da Família José Carlomagno



ANEXO 3: Túmulo de Pedro Thomaz de Moura e Silva



ANEXO 4: Túmulo de Manuel Lucas Annes



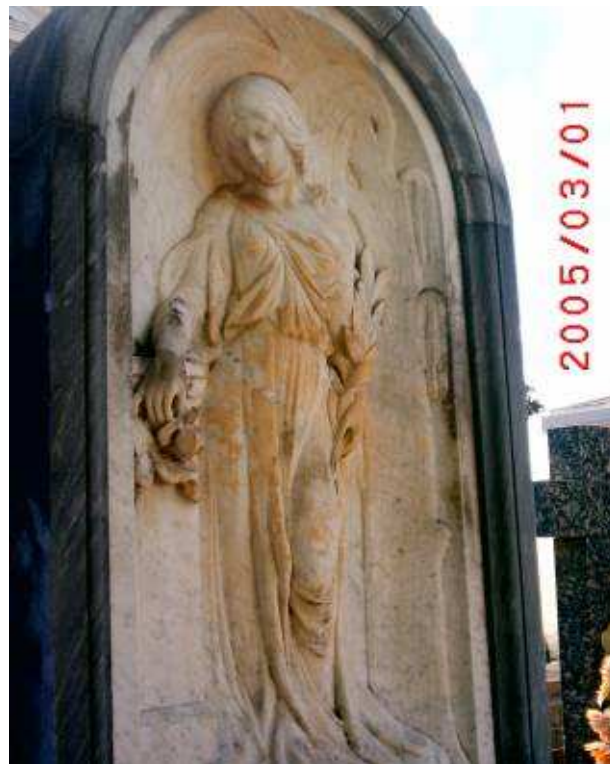
ANEXO 5: Jazigo da Família Veríssimo- MCMIX – 1909



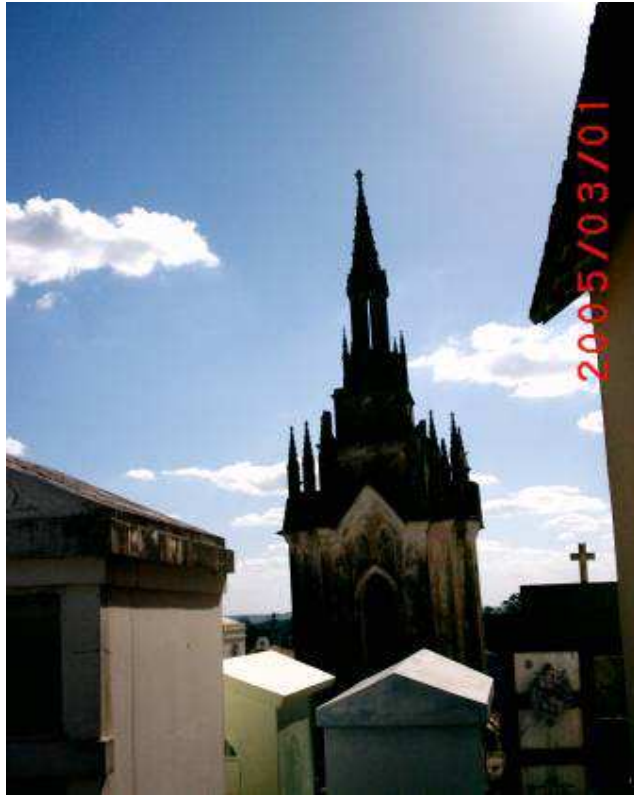
ANEXO 6: Túmulo de Barão de São Jacob (Diniz Dias)



ANEXO 7: Jazigo Belizareo f. Amado e Família



ANEXO 8: Túmulo Jeremias Ferreira Amado



ANEXO 9: Jazigo da Família Toríbio Veríssimo